

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

**DARA JAYANA DEON**

**MULHERES NA ARTE DRAG:  
UM OLHAR DE QUEM FAZ A CENA ARTÍSTICA**

Porto Alegre

2024

**DARA JAYANA DEON**

**MULHERES NA ARTE DRAG:  
UM OLHAR DE QUEM FAZ A CENA ARTÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Arte  
Dramática como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Saidel

Porto Alegre  
2024

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus amigos e colegas que tornaram esses anos de estudo mais leves, principalmente Alycia, Cândida, Rafael, Renê e Vívian, pelo acolhimento desde o início da nossa jornada.

Agradeço ao meu orientador Henrique Saidel, que contribuiu para o meu desenvolvimento artístico durante minha jornada artística na universidade e fora dela.

Agradeço à drag queen Cassandra Calabouço, pelos ensinamentos e por ter facilitado o nascimento de Chromatica, minha melhor versão.

Agradeço ao Departamento de Arte Dramática, onde foi possível realizar meu sonho da formação em teatro e explorar meu potencial artístico da melhor forma. Agradeço aos professores do departamento, que foram a base para os anos de estudo e que me inspiraram a seguir buscando o aperfeiçoamento do meu fazer artístico.

Agradeço aos meus amigos e integrantes do grupo Burlescagens, pela colaboração artística e pessoal no desenvolvimento de Chromatica.

Agradeço à minha banca avaliadora Luciana Éboli e Ana Cecília Reckziegel, pela parceria e pelo acompanhamento do meu estágio de atuação.

Por último, agradeço ao meu pai José e a minha mãe Tereza, por nunca deixarem de acreditar em mim e na minha arte, desde quando eu me apresentava na escola e desenhava roupas coloridas e cheias de brilho.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus amigos artistas, que seguem na luta por terem sua arte reconhecida, e às mulheres importantes da minha vida: minha mãe Tereza por me apresentar a arte e por sempre me incentivar, e minha companheira Andressa, pelo apoio incondicional.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como tema de pesquisa as mulheres na arte drag e o objetivo de analisar suas lutas, conquistas, trajetórias e processos criativos. Através de uma análise histórica do transformismo, destacando os Estados Unidos e o Brasil, e da cena artística atual, se dá a investigação do fazer artístico feminino enquanto artistas drag e a importância do reconhecimento dos seus trabalhos. A carreira de artistas que tenho como inspiração servem como base para a pesquisa, principalmente a de Ginger Moon, artista *drag queen* entrevistada para o trabalho. O estudo do burlesco se conecta com o do transformismo na análise das mulheres ocupando espaços na cena artística. Em um segundo momento, apresento a minha trajetória enquanto mulher e artista drag queer na atualidade, através da persona Chromatica, bem como a análise do espetáculo “Eu, Chromatica”.

**Palavras-chave:** Arte Drag; Artistas Mulheres; Processo Criativo; Performance; Transformismo.

## ABSTRACT

This final project focuses on women in drag and aims to analyze their struggles, achievements, trajectories, and creative processes. Through a historical analysis of drag, highlighting the United States and Brazil, and the current artistic scene, the research is conducted on the artistic work of women as drag artists and the importance of recognition for their work. The careers of artists who inspire me serve as a basis for the research, especially that of Ginger Moon, a drag queen artist interviewed for the work. The study of burlesque connects with that of drag in the analysis of women occupying spaces in the artistic scene. In a second moment, I present my trajectory as a woman and drag queer artist in the present, through the persona Chromatica, as well as the analysis of the show “Eu, Chromatica”.

**Keywords:** Drag art; Women artists; Creative process; Performance; Transformism.

Figura 1: Jurados em “RuPaul 's Drag Race” .....	14
Figura 2: Ginger Moon.....	18
Figura 3: Riot Queens.....	20
Figura 4: Espetáculo “Rei Lear” .....	21
Figura 5: Chromatica.....	24
Figura 6: Baile de Perucas.....	26
Figura 7: “Eu, Chromatica” .....	28
Figura 8: Pré-Chromatica.....	30
Figura 9: Final do espetáculo “Eu, Chromatica” .....	33

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. MULHERES E A ARTE DRAG.....</b>	<b>13</b>
2.1 GINGER MOON.....	15
<b>3. A CRIAÇÃO DE CHROMATICA.....</b>	<b>22</b>
3.1 O ESPETÁCULO “EU, CHROMATICA”.....	26
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>35</b>
<b>6. ANEXO: “EU, CHROMATICA” TEXTO COMPLETO.....</b>	<b>37</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A arte drag que conhecemos atualmente passou por grande evolução, como todo tipo de arte. A época, os costumes e os governos sempre influenciam a cena artística e a possibilidade de se fazer arte. Na Grécia antiga, por exemplo, as mulheres eram proibidas de atuar nas peças de teatro exibidas nas grandes arenas. Quando era necessário alguma personagem feminina, eram meninos adolescentes, muitas vezes com a voz ainda fina, que interpretavam esses papéis. Pode se dizer que a arte drag teve início assim, com os homens que se vestiam de mulher para interpretar personagens femininos.

Em *A Assembléia das Mulheres*, Aristófanes faz seus atores, que interpretam as mulheres de Atenas marchando para a Assembléia, "disfarçarem-se" de homens, com barbas falsas e pesadas botas espartanas, para reivindicar a entrega do poder do Estado às mulheres. Isso é visto como o clímax da ambigüidade descaradamente grotesca. Efeitos de travestimento, completa falta de reservas no tocante a gestos, figurinos e imitação e, por fim, a exposição do falo, são traços característicos do estilo de atuação da Comédia Antiga (BERTHOLD, 2004, p. 124).

Essa restrição continuou por séculos. No período elisabetano, na Inglaterra, as produções de Shakespeare seguiram com espetáculos feitos somente por rapazes. Segundo Igor Amanajás (2014, p.10), acredita-se que Shakespeare, ao criar personagens femininas, utilizava a sigla DRAG, *dressed as a girl* (vestido como menina, em tradução livre), para apontar que a personagem seria interpretada por um homem.

As mulheres puderam subir no palco somente no século XVII, na França, como Therese du Parc, a primeira mulher que se tem registro na história do teatro. Ela era parte do elenco que encenava Jean Racine, e interpretou a personagem principal Fedra, tornando-se uma atriz importante para a *Commedie Française*. Mesmo assim, existia um preconceito muito grande com mulheres em cena, principalmente por conta da igreja católica, que levou décadas para ser desmistificado.

Segundo o dicionário online Oxford Languages, a definição de drag queen é "homem que se veste com roupas extravagantes tradicionalmente associadas à mulher e imita voz e trejeitos tipificadamente femininos" (tradução nossa, 2024). O

que teve início como homens se vestindo de mulheres ao interpretar moças nos palcos da antiguidade, evoluiu para uma expressão artística que performa, com o uso de elementos artificiais, estereótipos de gênero, através da criação de uma persona - uma identidade ou caráter assumido (PRIBERAM, 2024) - o que se entende como *arte drag*, não tendo relação com sexualidade ou identidade de gênero.

Alguns séculos mais tarde, nos Estados Unidos da década de 1960, com maior liberdade das atrizes subirem nos palcos e mudanças culturais e sociais, principalmente com relação aos direitos humanos de homossexuais, a comunidade LGBTQIA+ (sigla para lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, etc.), adotou a arte drag como forma de expressão estética e de luta pelos seus direitos. As artistas drag queens apresentavam-se em bares, shows e eventos noturnos para fins de entretenimento, comédia, críticas sociais e resistência.

Na década de 1970 e 1980, ainda nos Estados Unidos, a arte drag atingia a televisão e o cinema, como a drag queen Divine, que atuou em filmes do cinema *underground* dirigidos pelo cineasta John Waters, a exemplo de "Pink Flamingos". Filmes como "A gaiola das loucas" e "Priscila, a rainha do deserto" apresentam a arte drag queen em suas narrativas, inclusive retratando as dificuldades enfrentadas por ser gay e artista drag nessa época. O lendário documentário "Paris is Burning", dirigido por Jennie Livingston, conta sobre a cultura Ballroom em Nova Iorque, com entrevistas e trechos dos próprios bailes.

Na cultura Ballroom, os artistas drag e a comunidade LGBTQIA+, principalmente pessoas trans e negras, construíam suas próprias famílias, chamadas de *houses*, normalmente por terem sido rejeitados pela família biológica. Essas houses se juntavam nos bailes para competir em várias categorias criadas, como beleza, *voguing* (estilo de dança), ou melhor roupa de determinado gênero. Os bailes eram o espaço nos quais essas pessoas marginalizadas tinham para viver suas fantasias através da montagem, deixando um grande legado para a arte drag.

Com a ascensão da drag queen, cantora e supermodelo RuPaul, com seus singles e filmes que fizeram sucesso em 1990 nos Estados Unidos, a arte drag atingiu seu *boom* no mainstream com o reality show "RuPaul 's Drag Race", com a primeira temporada realizada em 2009. No referido reality, as queens competem em diversos desafios sobre maquiagem, costura, atuação e dublagem, entre outros. As participantes concorrem ao título de Drag Queen Superstar e, para isso, uma queen

é eliminada a cada episódio. Atualmente, existem diversas franquias do reality show em diferentes países, ampliando o leque das culturas apresentadas no programa.

No Brasil, a arte drag demora a decolar, por conta do período da ditadura militar. Foi durante os anos 1990 que a arte se tornou popular no país, mas isso não quer dizer que antes disso ela não existia. Nos anos 1970, o grupo teatral Dzi Croquettes, que era composto por homens barbudos e peludos, chocaram o público brasileiro por usarem roupas femininas e extravagantes, com muito glitter, maquiagem e saltos altos, usando a arte para criticar a ditadura. Eles alcançaram reconhecimento no exterior, principalmente em Paris, tornando-se pioneiros do que se tem hoje como arte drag queen no Brasil. (AMANAJÁS, 2014, p. 19). A história do grupo é contada no documentário “Dzi Croquettes”, lançado em 2010 e dirigido por Tatiana Issa e Raphael Alvarez.

Ao falar da história do transformismo no Brasil, não podemos deixar de fora as Divinas Divas, oito artistas travestis que formaram um grupo atuando desde os anos 1960 no teatro Rival, no Rio de Janeiro. Eram elas Rogéria, Jane Di Castro, Divina Valéria, Eloína dos Leopardos, Camille K, Fujika de Halliday, Marquesa e Brigitte de Búzios, que têm suas histórias retratadas no documentário “Divinas Divas”, em 2017, pela diretora Leandra Leal. Através da personificação do feminino em seus shows, elas “se apropriavam de ferramentas artísticas para firmar suas existências e afirmar publicamente suas percepções sobre identidades de gênero” (THURLER, AZVDO. 2019, p. 229).

Ainda sobre os precursores brasileiros do que se entende hoje como arte drag, não posso deixar de citar Madame Satã, emblemática figura marginalizada que atuou como transformista nas boêmias noites da Lapa, no Rio de Janeiro, no início do século XX. O filme “Madame Satã”, estrelado por Lázaro Ramos e dirigido por Karim Ainouz, lançado em 2002, conta a trajetória de João Francisco, o ex-presidiário e homossexual que dançava em um cabaré como Madame Satã.

Após a popularidade do programa de competição entre drag queens de RuPaul, e com o fenômeno midiático da drag queen e cantora Pablló Vittar, nas décadas de 2010 e 2020, no Brasil, ocorreu o *boom* do transformismo no nosso país. Através do sucesso de suas músicas, Pablló fez com que o conhecimento da arte drag se tornasse muito maior no Brasil, servindo como inspiração para a comunidade LGBTQIA+ e para o crescimento do número de artistas drags. Desde o início do sucesso da cantora, a cena drag vem se ampliando cada vez mais nos

estados brasileiros, conquistando público e sendo reconhecida inclusive por pessoas de fora da comunidade LGBTQIA+.

Desde seu início, sabemos que a arte drag sempre utilizou a figura feminina e seus estereótipos em exagero para a criação de personas, geralmente feitas por homens cis. Com o avançar dos anos e a popularidade da arte drag, as mulheres (principalmente cis) que começaram a se montar (utilizar elementos artificiais para a criação de uma persona) e se denominar artistas drag sofrem preconceito, inclusive por pessoas da própria comunidade LGBTQIA+, que muitas vezes pensam que somente homens gays podem ser drag. Na cultura Ballroom, mencionada anteriormente, mulheres trans utilizavam o espaço e a comunidade para viver suas fantasias, já que o mundo fora disso era cruel demais para pessoas como elas. Essas mulheres lutaram na linha de frente por direitos da comunidade: parece, assim, que algumas pessoas esquecem ou não se dão ao trabalho de pesquisar sobre a própria história antes de fazer suas críticas, assim como pessoas de fora da comunidade.

Algumas pessoas têm dificuldade em diferenciar uma forma artística de expressão de gênero. Normalmente, o artista transformista utiliza signos e estereótipos de gênero de uma forma aumentada para caracterizar sua persona para fins de entretenimento, crítica social, sátira, etc. Uma forma de arte que teve como pilar principal a figura feminina para seu desenvolvimento não deve, de forma alguma, excluir as mulheres de sua participação. Drag é para todos que queiram se montar e experimentar sua melhor fantasia, independente do gênero ou sexualidade.

Por conta disso, este trabalho irá abordar as mulheres na arte drag, suas dificuldades, conquistas e lutas contra o preconceito. Irei usar como exemplo a minha trajetória como mulher e drag queer, além de mulheres transformistas que tenho como inspiração para a criação da minha persona, chamada *Chromatica*. Após a contextualização histórica desta Introdução, no segundo capítulo trarei artistas mulheres que tenho como inspiração e suas carreiras no transformismo. No terceiro capítulo, a trajetória de criação da *Chromatica* irá contar o meu processo como mulher na arte drag. Por fim, na conclusão, farei um comparativo entre as vivências das artistas mencionadas no segundo capítulo com a minha vivência como artista transformista da cena.

## 2. MULHERES E A ARTE DRAG

Atualmente, com a experimentação de outras possibilidades artísticas, a arte drag também se divide em algumas categorias. Enquanto a *drag queen* é a personificação exagerada do estereótipo feminino, o *drag king* utiliza a masculinidade como forma de expressão estética. Também há o termo *drag queer*, que representa a androginia ou a não-binariedade, quebrando com os padrões de gênero. Ainda existem outros termos e subdivisões que derivam dessas três principais vertentes: as *drag monsters*, que usam criaturas e monstros como estética; as *comedy queens*, que fazem maior uso da comédia em seus números e montações; as *pageant queens*, que participam de concursos como os de beleza e normalmente são muito polidas; entre outras várias categorias possíveis e em constante atualização.

Muitos acreditam que as mulheres podem se montar somente como *drag kings*, por ser uma personificação oposta ao feminino e que utiliza signos da representação social do masculino. Acredito que, se tratando de uma forma de arte, o lugar da mulher no transformismo é onde ela quiser, seja como *drag king*, *queen* ou *queer*. Por muitos anos, o reality show “RuPaul 's *Drag Race*” exibia elencos compostos somente por homens gays com suas personas extremamente femininas e extravagantes, que eram criticadas se usassem calças, por exemplo, por não ser considerado feminino o suficiente. Alguns anos depois, o elenco passou a ter algumas mulheres trans, como as artistas Peppermint, Kerri Colby e Sasha Colby.

Inclusive, algumas *queens* se sentiram à vontade para se assumir como mulheres trans durante a participação no programa, como Kylie Sonique Love (segunda temporada) e Monica Beverly Hillz (quinta temporada). Kylie retorna ao programa na sexta edição de “Rupaul 's *Drag Race All Stars*”, spin-off com drags que já passaram pela *Drag Race*, e se torna a primeira mulher trans a ser coroada e levar o título de *Drag Superstar*. Ainda há as *queens* que se assumiram depois de terem passado pelo *reality*, como Adore Delano, Bosco e Kornbread, entre outras. Sasha Colby foi a vencedora da 15ª temporada de “Rupaul 's *Drag Race*”, em 2023, sendo a primeira mulher trans a ser coroada na franquia original. Até hoje, a franquia principal de *Drag Race*, criada nos Estados Unidos, nunca contou com uma mulher cis em seu elenco.

Penso que, quando algo se torna uma grande referência para determinado público, como é o caso do *reality*, surge uma influência no pensamento e comportamento dessas pessoas, como a ideia de que as mulheres não podem ser *drag queens*, já que em anos de programação só se via homens cis e gays integrando o elenco. O termo AFAB - *Assigned Female at Birth* (designada mulher ao nascer, em tradução livre) - é utilizado no meio para identificar mulheres cis, pessoas não binárias, homens trans, etc. A drag queen Gottmik, criada e apresentada por um homem trans, é a primeira pessoa AFAB que participou da franquia estadunidense do Drag Race, na 13ª temporada, em 2021. Acredito que a integração de pessoas trans nos elencos do programa foi de grande importância para a comunidade LGBTQIA+, devido à influência e popularidade da série, já que a arte drag é uma expressão artística, podendo ser feita por quem quiser.

Figura 1: Jurados em "RuPaul's Drag Race"



Fonte: Instagram

A terceira temporada da franquia RuPaul's Drag Race UK, gravada no Reino Unido em 2021, fez história com a participação da drag queen Victoria Scone, a primeira mulher cis a fazer parte de uma edição do programa. Já na estreia da franquia do Drag Race Germany, gravada na Alemanha em 2023, teve a primeira mulher cis como vencedora: a *drag queen* Pandora Nox. Entendo esse movimento de participantes mulheres trans e cis no programa como uma grande evolução na representatividade para as mulheres desse meio artístico, além de servir como informação para o público num geral, visto que o *reality* ainda é uma das maiores referências sobre arte drag na televisão e nas plataformas de *streaming* no mundo.

No subcapítulo a seguir, a artista drag queen brasileira Ginger Moon conta, em entrevista exclusiva, sua trajetória e desafios em ser uma mulher e artista transformista no Brasil.

## 2.1 GINGER MOON

“A importância da mulher Drag é política”  
Ginger Moon

Bruna Alves dá voz e corpo à sua persona drag queen Ginger Moon desde 2015, e atualmente vive e trabalha na cidade de São Paulo. Ela tem formação em teatro e dança, e descobriu a arte drag de forma natural. Atualmente, ela é uma das maiores referências quando se trata de mulheres na arte drag no Brasil. Ginger é uma das minhas grandes inspirações, por ser mulher e trabalhar com o burlesco e como drag queen, então seria de grande importância para a pesquisa e para o meu trabalho artístico um encontro para compartilharmos questões pertinentes sobre as mulheres na arte transformista. Junto com o meu orientador, Henrique Saidel, criamos perguntas objetivas que pudessem auxiliar na abordagem do tema. No dia 21 de julho de 2024, realizei uma entrevista online com a artista, na qual pude realizar perguntas sobre sua trajetória como mulher e drag queen, transcrita parcialmente abaixo:

DARA: Quando você começou a se montar, sentiu que poderia haver diferença no tratamento por ser uma mulher que faz drag? E hoje em dia, na sua visão, o que mudou?

GINGER MOON: Quando eu comecei a me montar, em 2015, houve um boom muito grande de drags, foi quando surgiu Pablo [Vittar] e Gloria [Groove], RuPaul estava no auge também, tinha chegado nos streamings brasileiros. Já sabia que haveria diferença no tratamento, porque eu mesma não conhecia mulheres drags. Tinha referências de fora de homens cis que faziam drag e na época acho que não tinha nenhuma participante trans em RuPaul's Drag Race. Então pesquisei na internet se existiam mulheres drag e encontrei a Palloma Maremoto, que é do Rio de Janeiro, e mandei uma mensagem pra ela no facebook, ela respondeu e me colocou em um grupo só de mulheres drags do Brasil todo. Começamos a conversar e ouvi histórias de quem já fazia drag antes de mim, mas a minha sorte foi ter começado justamente nessa época de boom, porque não comecei sozinha, já tinham mais mulheres do meu lado. Na mesma época criamos o grupo Riot Queens, que era um grupo de mulheres drags, e fazíamos acontecer. Nunca passei um *hate* muito grande ao vivo, só na internet, porque online é fácil falar, no anônimo. Já passei *hate* de falarem que não podemos fazer (drag) porque é apropriação cultural, e acho isso um dos maiores absurdos de se falar. Muita gente exclui as mulheres do LGBT e falam que nós não fazemos parte da comunidade. Também já sofri *hate* de ameaça, de falarem que se vissem na rua, atropelavam. Com o tempo, fui ganhando mais notoriedade e trabalhando mais, vamos sentindo mais respeito, porque vão ter que nos aturar, mesmo não gostando de você. Muito homem cis me diz que tinha preconceito, e depois que conheceu meu trabalho e o de outras meninas isso foi dizimado. Mas acho que o preconceito ainda existe hoje em dia, tanto que teve uma discussão sobre se a Chappel Roan é drag ou não. E eu estou desde 2015 respondendo a mesma coisa, quase dez anos, fico cansada. As pessoas vão conhecendo seu trabalho e vendo que drag é vários tipos de coisa, não só exaltar a feminilidade. Acho que a representatividade é importante por isso. No RuPaul, teve uma mulher cis que ganhou, mulheres trans que ganharam, teve transmasculine também. Mesmo que algumas pessoas ainda falem besteira, isso já mudou a cabeça das pessoas. Tenho consciência que sou uma das que mais trabalha em São Paulo, então faz muita diferença, uma mulher trabalhando na noite e vivendo disso, aí as pessoas veem representatividade nisso (GINGER MOON, 2024).

DARA: Como surgiu a Ginger Moon? Como é o seu processo de criação?

GINGER: Surgiu no grupo de whatsapp que falei, no grupo conheci a Pâmella Sapphic, uma drag queen. Isso da criação foi em uma semana, em 2015, foi tudo muito corrido. A Pâmella falou que ia performar em um lugar e perguntou se eu queria ir, porque estavam querendo outra drag. Eu disse, bora! Eu não tinha nada, peruca, maquiagem, roupa, nada. Fui na [rua] 25 [de Março] e comprei uma peruca de cosplay de um metro, um sutiã preto de spike que estava na moda na época, um corset preto, uma meia arrastão e uma hot pant. Treinei maquiagem na minha casa e precisava de um nome, queria muito lua no nome, porque gosto muito da lua e da Sailor Moon, e queria algo que combinasse com Moon. Ginger veio do nada e achei que ficou muito sonoro Ginger Moon. Nos montamos no banheiro do trabalho da Pâmella, um prédio super corporativo e fomos de metrô montadas. Eu

perfeitei para dez pessoas e foi maravilhoso, a partir daí nunca mais parei (GINGER MOON, 2024).

DARA: Quais as maiores dificuldades em ser uma mulher drag queen?

*GINGER:* As maiores dificuldades são o *hate* que levamos na internet, que é uma das coisas principais, enche o saco. É uma desvalidação do nosso trabalho, muito produtor querendo pagar menos pra gente, porque somos mulheres. Comigo pelo menos não acontece, eu acho. É muito bom ter uma rede de apoio porque conversamos sobre o quanto estamos ganhando, é importante sabermos o valor do mercado. Tem muita drag que aceita pouco e isso acaba desvalidando o nosso trabalho. Mas acho que uma das principais coisas que mais me machuca é o assédio. Já sofri muito assédio nas festas e eventos, principalmente de homens gays achando que o meu corpo é público porque eu estou montada. Assédio acontece em todos os meios quando se é uma mulher, mas infelizmente nos meios onde a gente deveria se sentir confortável acontece também (GINGER MOON, 2024).

DARA: Como a falta de representatividade na mídia de mulheres na arte drag impactou/impacta a sua criação como Ginger Moon?

*GINGER:* Não existiam muitas referências, só algumas, tipo a Palloma. A criação das Riot Queens foi exatamente por isso, não tinha representatividade, então queríamos virar a representatividade. Então nosso grupo foi muito importante na época. Já que não existiam representatividades, fui lá e virei uma. É importante porque muita gata que começa a se montar chega em mim e fala que não conhecia e me viu trabalhando nas festas e vê que é possível. É muito legal ver que eu consegui, de alguma forma, abrir alguns caminhos (GINGER MOON, 2024).

DARA: Sobre mulheres na arte drag: O que poderia avançar, em termos de representatividade e informação, tanto para o público que já consome essa arte, quanto para o público que tem curiosidade em prestigiar ou fazer essa arte?

*GINGER:* Acho que o que tem que avançar é os produtores contratarem mais mulheres drag, porque sinceramente existem poucas trabalhando ainda, dá pra contar nos dedos quem não é homem cis e está trabalhando na noite, infelizmente. Às vezes sinto que eu estou cumprindo uma cota, isso não é ruim, não vejo como uma maldade, mas eles acham que colocar só uma mulher drag é suficiente. Existem tantas, porque não colocar outras? Tem que ter mais gente trabalhando, tem que entender que nosso trabalho é válido (GINGER MOON, 2024).

DARA: Por se tratar de uma mulher e drag queen, você sente que existe uma pressão maior em estar super montada e polida do que outras pessoas que também se montam? Como isso se reflete na tua vida cotidiana?

GINGER: Com certeza, as mulheres têm que fazer vinte vezes mais para serem notadas, então temos que ter uma maquiagem muito maior, muito mais exuberante e polida, usar figurinos muito mais extravagantes e mais brilhosos para sermos notadas e considerarem que somos drags. Hoje em dia eu que já trabalho a muito tempo posso usar um vestidinho e pronto, mas quando comecei tinha que usar um figurino enorme para falarem que era drag. Mas se um gay que vai começar agora e colocar um vestidinho preto, uma peruca lisa e um delineado já é considerado drag, tem sempre essa comparação (GINGER MOON, 2024).

Figura 2: Ginger Moon



Fonte: VOGUE, 2021.

A artista ainda fala sobre como a sua persona drag influenciou em sua autodescoberta:

A drag e o burlesco me trouxeram uma nova visão de quem eu sou e um novo entendimento das minhas potencialidades, e de entender que é possível ser quem a gente é, eu falo que a gente coloca vinte quilos de maquiagem na cara para descobrir quem a gente é (GINGER MOON, 2024).

Na entrevista, Ginger cita a artista norte-americana Chappel Roan, uma mulher cis, lésbica e cantora pop que se denomina drag queen, na atualidade. Ela iniciou sua carreira musical em 2017 e vem fazendo sucesso com suas músicas, assim como seu estilo extravagante e suas maquiagens nada básicas. Na internet, há discussões sobre Chappel ser drag ou não, por se tratar de uma mulher cis. Acredito que muitas dessas críticas vêm de pessoas que não conhecem a história da arte drag e que não pesquisaram sobre o assunto, já que atualmente existem informações suficientes de que se trata de uma expressão artística, independente da orientação sexual ou identidade de gênero do artista.

Sobre essa questão do ódio propagado na internet, sobre mulheres que são artistas drags, Ginger afirma:

Onde eu mais levo hate, que é na internet, é de público que não consome drag de verdade, só consome Pablo, Glória e RuPaul, que estão mais no mainstream. O pessoal que vai nas festas, que consome arte drag e paga pra ver drag na festa, no evento, no teatro e gosta de verdade já sabe e conhece que existem vários tipos de drag e vários tipos de expressão. O povo do hate não consome arte drag ao vivo, só na internet (GINGER MOON, 2024).

Riot Queens, como disse Ginger, é o grupo de mulheres drags que foi criado em 2015, por Ginger Moon, Pâmella Sapphic, Greta Dubois, Buba Kore e Don Valentim, entre outras artistas. Elas se conheceram em um grupo de fãs de RuPaul, onde puderam ver que mulher também pode se montar, e resolveram se juntar em um coletivo. Além de mulheres cis, o grupo também tem homem trans e mulher trans. A ideia se desenvolveu a partir da vontade de virar a representatividade de mulheres na arte drag, já que ela quase não existia, o que foi importante para a trajetória artística de Bruna como Ginger Moon.

Figura 3: Riot Queens



Fonte: Larissa Zaidan/UOL.

Ginger ainda conta que suas maiores inspirações são Elke Maravilha e Carmem Miranda. Hoje em dia, ela também se inspira muito na Palloma Maremoto, para a maquiagem. Ela também trabalha muito com o burlesco, que envolve a sexualidade, atualmente se apresentando na casa noturna Love Cabaret, em São Paulo. Ginger integra o elenco do espetáculo teatral "Rei Lear", da Cia. Extemporânea, estreado no Sesc Consolação, também em São Paulo. O espetáculo é uma adaptação da peça de Shakespeare, dirigido por Ines Bushatsky, adaptado pelo dramaturgo João Mostazo e com o elenco composto pelas drag queens Alexia Twister, Antonia Pethit, DaCota Monteiro, Ginger Moon, Lilith Prexeca, Maldita Hammer, Mercedes Vulcão, Thelores e Xaniqua Laquisha.

As mulheres drags vem conquistando cada vez mais espaços, como os palcos de teatro, e plataformas de música e *streaming*, além de virarem referências para as novas artistas que estão surgindo na cena transformista. A carreira de Ginger Moon, assim como a de outras artistas como Pandora Nox, me inspira a seguir nesse caminho e aprimorar o trabalho artístico que venho desenvolvendo como mulher e artista drag queer.

Figura 4: Espetáculo “Rei Lear”



Fonte: Instagram da artista

### 3. A CRIAÇÃO DE CHROMATICA

A minha trajetória como artista foi marcada por memórias de infância, quando eu passava horas na frente da televisão assistindo aos clipes de divas pop no YouTube e no canal da MTV. Além de desenhar roupas coloridas e cheias de glitter, meu passatempo preferido era improvisar combinações de roupas e dublar minhas músicas favoritas. Sempre fui uma criança muito artística, e foi durante o período em que eu fazia aulas de teatro na escola que decidi, aos onze anos de idade, que seria artista e que faria faculdade de teatro. Estudava na escola Cristo Redentor, na cidade de Canoas, no Rio Grande do Sul, em que eram oferecidas aulas semanais extracurriculares de teatro com a professora Sandra Ávila. No período de 2009 a 2013, aprendi a base do teatro e apresentei algumas peças, sempre como coadjuvante, já que era tímida demais para protagonizar. Mesmo com personagens mais simples, estava descobrindo que seria artista e, desde então, passei a me informar sobre o curso de Teatro na UFRGS, no qual entrei em 2019.

Durante o período de estudo no departamento de arte dramática, entrei em contato com diversas práticas e teorias que serviram como base para o meu desenvolvimento artístico, onde pude experimentar diferentes estéticas através de cada personagem vivido. Em meus trabalhos, sempre destaquei a parte visual, com roupas, elementos e maquiagens desenvolvidos para cada criação. Assim, o figurino se tornou um dos meus focos principais de estudo, além da performance. A disciplina de "Laboratório em Prática Cênica B: Cabaré e Burlesco", ministrada pelo professor doutor Henrique Saidel, ampliou minha forma de enxergar a performance, apresentando novas possibilidades e junto com elas o encantamento. Passei a ter novas referências de artistas que utilizam o burlesco como forma de expressão, além do conhecimento de artistas transformistas da cena.

Marcado por um forte protagonismo feminino, o burlesco acolhe corpos e corporalidades outras, dissidentes e desviantes, com suas subjetividades plurais e contra-hegemônicas. Uma performance onde sensualidade e sexualidade são matéria-prima para a discussão de questões nem sempre fáceis. Uma ação onde o ato de burlar é fundamental: burlar padrões, sejam eles quais forem. A burla é uma ação artística e existencial que se inscreve no corpo e na postura da artista frente à sociedade e suas normatividades. Através do humor, da paródia, da sedução e da provocação erótica, o burlesco enfrenta e debocha da norma e da interdição (SAIDEL, 2024, p. 2).

Em novembro de 2022 surge, após a disciplina, o grupo *Burlescagens*, do qual sou integrante desde o início. Atualmente, o grupo é composto pelas personas Alexxxperience, Chromatica, Enigmática, Juju Maverick, Meg Low Maniac e Katrina Addams. Nosso lema é questionar as regras e os padrões através de números que podem conter ironia, deboche, crítica, comédia ou sensualidade. Desde o início do *Burlescagens*, sempre buscamos inovar nos espetáculos, com convidados especiais, noites temáticas, números em dupla e coreografias em grupo. Com o coletivo, apresentamos nossos espetáculos de burlesco, em formato de show de variedades, em alguns bares da cidade de Porto Alegre, como o Ocidente Bar. Depois de criar intimidade com o palco e confiança com o público, decidi que era a hora de trazer ao mundo a minha persona drag. Ressoando, assim, as palavras de Giorgia Conceição (Miss G), umas das principais artistas e pesquisadoras de burlesco no Brasil, quando afirma que:

Toda mulher que ousa usar seu corpo para a mais absoluta expressão de si, ir às ruas, sentir o vento na pele, saindo dos seguros estúdios de ensaio ou conservatórios, flerta com a burla de padrões. As que estão a desafiar morais e comportamentos, e a trazer para o palco, sua vida e arte, tem parentesco com as artistas burlescas de outrora, e essas, com as bacantes da antiguidade. As lufadas de liberdade são sentidas com os movimentos dos quadris que causam ventanias, o uso estético e político do corpo como objeto último da performance. A pele se revela à contemplação coletiva, após camadas e mais camadas de figurinos arremessados ao ar, às vezes golpeando o colo de uma plateia arrebatada (CONCEIÇÃO, 2024, p. 04).

Em abril de 2023, tive a oportunidade de fazer o curso "Pimp My Drag", ministrado pela drag queen de Nilton Gaffrée, Cassandra Calabouço. Nilton iniciou seus estudos em dança em 1993 e atua como a *drag queen* Cassandra desde 1998 na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. No curso, foram três meses de aulas presenciais, com uma frequência de duas vezes por semana, com uma turma muito querida, em que pudemos trocar conhecimentos e aprender bastante uns com os outros. Ao final de cada aula, sempre saía com algo diferente em mim. Estava descobrindo que a união dos elementos que mais me fascinam, como música, figurino e performance, podiam estar juntos em uma forma de arte encabeçada pela cultura LGBTQIA+. No início, tive receio quanto a questão das críticas que poderiam surgir por se tratar de uma mulher cis na arte transformista, mas quando encontrei

outras mulheres no curso senti o apoio e acolhimento que foram fundamentais para a criação da minha persona.

Nunca me identifiquei com a hiper feminilidade imposta socialmente ao comportamento de meninas e mulheres, como o uso de vestidos, cabelos longos, maquiagens e saltos altos. Quando me entendi como uma mulher lésbica, senti a necessidade de uma mudança de estilo, já que sempre usei o que escolhiam para mim antes. Entendo o meu estilo como andrógino, com elementos que variam e se misturam entre os elementos ditos femininos e masculinos. A androginia está presente na minha persona drag queer, em que procuro desvincular dos padrões super femininos ou super masculinos como a maioria das drag queens e kings. O nome Chromatica surge de uma grande admiração da teoria das cores e do círculo cromático, que serviu muito bem para uma drag que seria colorida.

Figura 5: Chromatica.



Fonte: Acervo pessoal.

A partir da escolha da androginia, busquei referências para o estilo de Chromatica. Os anos 1980 são a base principal para o que venho construindo, como

vintage, colorido, alternativo e muito *rock'n'roll*. Cantores como David Bowie e Elton John são as minhas maiores inspirações para a escolha de figurinos, que misturam diferentes concepções dos estereótipos de gênero, além de muita cor e brilho. Gosto de pensar em cores quentes e vibrantes como a marca registrada de Chromatica, como vermelho, laranja, rosa e amarelo, por trazerem a sensação de vivacidade e alegria, considerando que busco exaltar minhas qualidades através da persona com elementos visuais. Os tons de cores frias entram como contraste, já que ninguém é uma definição de alguma emoção o tempo inteiro, e Chromatica também tem suas camadas de sentimentos, o que acaba tornando a experiência da montagem mais completa.

A estreia de Chromatica ocorreu em um dia de *lip sync* aberto no bar Workroom, na cidade de Porto Alegre, onde realizamos dublagens de músicas que estávamos ensaiando durante o curso *Pimp My Drag*. Acredito que a oportunidade de criar junto com um grupo de pessoas facilitou um processo que normalmente é mais solitário, como a criação de uma persona. No dia 02 de julho de 2023, apresentamos o espetáculo “Baile de Perucas” como conclusão de curso, no teatro Bruno Kiefer, na Casa de Cultura Mário Quintana. Com Chromatica apresentada ao mundo, passei a me apresentar como drag queer no coletivo Burlescagens, o que me fez crescer ainda mais como performer.

Estar em um coletivo que está sempre buscando novos espaços para apresentar, produzindo números novos e indo atrás de informação e estudo foi muito importante para o desenvolvimento de Chromatica. O teatro é uma arte coletiva – diferente do burlesco e da arte drag em que a maioria dos artistas produzem e ensaiam seus números individualmente – e como a maioria dos integrantes do grupo estuda ou já estudou no Departamento de Arte Dramática da UFRGS, temos como base o aprendizado adquirido durante os anos de curso. Assim, fizemos do Burlescagens um coletivo que ensaia e se apresenta junto, como um espetáculo, unindo burlesco, teatro, performance e arte drag.

Figura 6: Baile de Perucas



Fonte: Acervo pessoal.

Chromatica passou por algumas transformações desde sua criação, e foi durante a experiência do meu Estágio de Atuação que tive a chance de aprofundar e aperfeiçoar o seu estilo e os movimentos corporais, tendo como base exercícios de viewpoints e performance. A partir disso, se desenvolve uma espécie de corpo que se move como um manequim, mas que também flui de acordo com as músicas escolhidas para cada tipo de performance. A criação do espetáculo “Eu, Chromatica” foi fundamental para uma maior conexão com a persona.

### **3.1 O ESPETÁCULO “EU, CHROMATICA”**

A experiência de criação do meu estágio de atuação, um dos requisitos para a conclusão do curso de Teatro na UFRGS, me fez aprofundar nas referências e repertório construídos ao longo dos anos de graduação. O estágio nada mais é do que a criação de uma peça a ser apresentada em uma temporada de três dias, em que o estagiário dá ênfase de Interpretação Teatral, no meu caso, precisa atuar e

tem a oportunidade de criar uma produção inédita. A ideia, desde o início, era contar sobre a história de criação da Chromatica, com elementos reais e também fictícios, a fim de tornar mais teatral. Para isso, precisaria também compartilhar a minha própria história e memórias, já que a existência da persona é ligada à minha.

Para a ideia acontecer, era necessário uma equipe disposta a criar uma conexão comigo e com Chromatica. Devido a alguns contratempos durante a criação do meu estágio, o elenco precisou ser redefinido, e com o pouco tempo que tinha, seria mais fácil trabalhar com um grupo pequeno. O elenco final foi composto pela minha amiga pessoal Alycia Cavalli, além de mim, e o texto foi escrito pela dramaturga Franchesca Coppola, com as quais tive a oportunidade e o prazer de trabalhar. Acabamos por optar pela direção coletiva, já que tínhamos um prazo a ser cumprido e seria melhor criar uma conexão entre um grupo de três pessoas. O espetáculo final foi apresentado nos dias 26, 27 e 28 de janeiro de 2024, no palco da sala Alziro Azevedo, no Departamento de Arte Dramática da UFRGS.

A primeira etapa do projeto foi juntar todas as referências que inspiraram Dara a ser Chromatica. Desde o primeiro até o nosso último ensaio elas foram importantes e serviram de guia para a narrativa que iríamos contar. Sempre gostei de ouvir músicas e assistir filmes antigos, como filmes musicais da era de ouro de Hollywood e das décadas que seguiram. Passei a me encantar com as músicas e estilos visuais de cada década desde os anos 1950, ouvi-las era como viajar no tempo e viver minhas referências na pele. Filmes como “O mágico de Oz”, “Cantando na chuva”, “Cabaret”, “Os embalos de sábado à noite” e “Grease” são alguns dos meus preferidos, tanto que na versão final de “Eu, Chromatica”, temos uma cena especialmente dedicada a dançar trechos de músicas desses musicais.

Chromatica vai do clássico ao contemporâneo, sempre se experimentando entre lapsos temporais e diferentes estéticas. Musicalmente, a peça acabou sendo dominada pelos anos 1970 e 1980 e pelo Glam Rock, estilo que me encantei. Artistas como Elton John e David Bowie foram trilha sonora de algumas performances e momentos importantes da minha vida. Como Chromatica não usa peruca, algumas semanas antes das apresentações da peça, cheguei a cortar e

pintar meu cabelo de ruivo, inspirado no Bowie. Talvez ela passe a usar perucas, mas no momento não considero um elemento essencial para dar vida a ela.

Figura 7: “Eu, Chromatica”.



Fonte: Acervo pessoal.

O filme “O Mágico de Oz” foi contemplado com um número inteiro da música *Goodbye Yellow Brick Road*, do Elton John. A música faz menção à estrada de tijolos amarelos que a personagem Dorothy percorreu em Oz, mas com uma mensagem de despedida de um capítulo e início de outro. Na cena, a mensagem fica no subtexto, enquanto eu abro uma mala cheia de figurinos, alguns de performances já feitas por mim na vida real, e encontro a roupa colorida de Chromatica, finalmente deixando as cores invadirem meu visual e fazendo a persona drag surgir.

A cena “Como treinar sua Drag”, em formato de auditório e com interação com o público, trouxe referências do reality show *RuPaul’s Drag Race*, que

acompanhei por muito tempo e acabei conhecendo muitas drags que me inspiro até hoje, como a Sasha Velour. Finalizando as referências, a última cena da peça teve como trilha sonora “Sucesso aqui vou eu”, da Rita Lee, música que também escolhi para dublar quando Chromatica esteve na noite de Lip Sync aberto no bar Workroom com a turma do Pimp My Drag, simbolizando o início de outra estrada, que teria os tijolos coloridos com todas as cores. Essas são algumas das referências que mais utilizo no meu trabalho atualmente, e que foram consideradas no processo de criação do espetáculo “Eu, Chromatica”.

Com minha nova equipe formada e referências revisadas, o processo realmente começou a fluir. Chromatica nasceu do mundo da moda e dos figurinos coloridos e brilhosos, e seu corpo não demorou muito a desenvolver movimentos que um manequim teria, mas de uma forma Chromatica, às vezes mais marcados no espaço e outras mais livres e soltos, chamarei esse estilo de movimentação de corpo-manequim. Entre várias conversas e trocas com a Alycia e a Franchesca, decidimos que a peça se passaria em uma loja de roupas, visto que eu estava muito familiarizada com o ambiente do Guarda-Roupas do DAD, pelo tempo que passava lá atendendo e organizando as peças, como bolsista do acervo.

Todos os meus trabalhos dentro do departamento sempre foram muito guiados pelo figurino, que fazia questão de me dedicar. Aqui, as roupas, adereços e o ambiente eram perfeitos para contar a história do nascimento de uma persona drag. Com o ambiente decidido, precisávamos descobrir quem seria a personagem de Alycia, e decidimos que seria uma cliente que viria comprar na loja em que a minha personagem trabalhava. Ao longo do espetáculo, essa versão de mim teria uma evolução dentro da narrativa, começando como Dara e terminando como Chromatica.

Dadas algumas improvisações, surgiu a ideia de aproveitarmos a personagem que Alycia havia construído para seu estágio de atuação, o espetáculo “Versões: Alyx Safira”, no qual eu fiz parte da concepção dos figurinos. Safira seria a personagem ideal para comprar nessa loja, virar amiga da minha personagem e a encorajá-la ser quem sempre quis ser: Chromatica. Com essas definições, passamos a realizar alguns exercícios de escrita e imaginação que a Franchesca conduziu, que se tratavam de explorar ao máximo a vida dessas personagens fora

do contexto da peça. Perguntas sobre estilo de vida, idade, roupas, hábitos, trabalho e onde essas personagens moravam passaram a guiar as improvisações e a criação de cenas. A partir dessas investigações, aprofundei ainda mais a experiência de ser Chromatica.

Figura 8: Pré-Chromatica.



Fonte: Acervo pessoal.

A versão final da montagem do cenário dispõe de cinco araras, dois bustos de manequim e cerca de sessenta peças de roupa, ambientando uma loja de roupas de todas as cores e brilhos em que a história se passa. A personagem de Alycia entra em cena com o objetivo de encontrar a roupa perfeita para ela, mas em outra cor que não fosse azul, que era a cor preferida e figurino da personagem Alyx Safira. Assim como tinha muito de mim em cena, tinha muito da Alycia também, afinal sua personagem Safira foi criada para contar um pouco da Alycia no estágio dela. Alinhamos nossas referências e vimos que tínhamos muito em comum, como alguns artistas e a obsessão por clipes de divas pop e musicais.

Safira fazia perguntas demais e instigava minha personagem de formas com que fizesse ela fugir dos assuntos mais sérios. Era esse nosso jogo, entre piadas e brincadeiras com peças de roupa, minha personagem não queria pensar demais e vivia fugindo das indagações de Safira. Uma simples visita para escolher uma roupa acabou virando uma amizade, tendo seus sentimentos compartilhados durante a narrativa. Após a confiança em Safira e o desejo da libertação, acontece a performance da música *Goodbye Yellow Brick Road*, do Elton John. É quando minha personagem deixa os medos de lado e abre a mala que contém vários figurinos e adereços, alguns inclusive que foram utilizados em performances minhas na vida real, me despindo da roupa que antes era bege e branca, revelando um body amarelo que é completado com uma calça, botas e luvas vermelhas. Também tiro da mala um espelho, um gel e um pente para dar vida ao cabelo de Chromatica. A última coisa que sai da mala é uma bandeira LGBTQIA+, representando esse momento de aceitar todas as cores que fazem parte de mim.

Logo após esse momento da performance, Chromatica leva um susto com a volta de Safira, que agora também vestia outra cor, um vestido rosa. Segue se um diálogo e ela pergunta para minha personagem se ela fosse uma artista, como seria. Logo respondi que usaria roupas coloridas, maquiagens extravagantes e muito brilhosas, como uma drag – o que é engraçado, pois eu tinha acabado de vestir uma roupa colorida e já estava super maquiada, além de ter feito o cabelo de Chromatica. Safira pergunta se mulher pode fazer drag, e a cena se congela. Caminho até a frente, e dou início a um monólogo contando uma situação real.

Eu fiz questão de também trazer uma parte mais séria sobre as mulheres na arte drag, e não só glamourosa para a narrativa. Nesse monólogo, conto uma situação em que uma mulher me perguntou sobre isso de uma forma bem inconveniente. Aproveitei também para colocar em cena a questão da expressão de gênero e de sexualidade, que é muito importante para mim, como uma mulher cis, lésbica e de aparência andrógina. Esse trecho também serve para informar que a arte drag é uma expressão artística, e que drag é para todos. Escolhi falar o monólogo direto para o público, com a personagem da Alycia congelada no fundo, quebrando a quarta parede e expressando uma opinião política, tendo como inspiração o efeito de distanciamento, de Bertolt Brecht e o teatro épico.

Quando eu termino o monólogo, a cena se descongela e Safira me pergunta como se faz para ser uma drag. Então, iniciamos a cena “Como treinar sua drag”. A ideia dessa cena em formato de auditório e interação com o público veio do desejo de explorar algo novo, como a troca com a plateia e a improvisação. A cena consistia em um programa de auditório, inspirado no reality show “Rupaul 's Drag Race” , a ser apresentado pela minha personagem. Nesse quadro, escolhemos alguém da plateia como voluntário para exemplificar um passo a passo de como se tornar uma drag. Essa pessoa teria que responder algumas perguntas, além de sortear uma peruca e uma peça de roupa, terminando com um desfile e uma dublagem. e para tornar mais desafiador, decidimos que não teríamos uma pessoa infiltrada na plateia para chamarmos e arriscamos chamar uma pessoa diferente a cada sessão da peça.

Após essa cena, ocorre o monólogo final, e a última frase dita no espetáculo, que não ironicamente foi “Eu, Chromatica!” revela o nome da minha persona, e logo após a música “Sucesso aqui vou eu”, da Rita Lee, marca a última performance, simbolizando o início de um novo caminho. A experiência de criar um espetáculo sobre a trajetória de criação de Chromatica, fez com que eu explorasse ainda mais as nuances da persona, tornando a experiência da montagem mais completa.

Figura 9: Final do espetáculo “Eu, Chromatica”.



Fonte: Acervo pessoal

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise histórica e social sobre o espaço que as mulheres cis e trans vêm ocupando na arte drag e a exemplificação com a trajetória da *drag queen* Ginger Moon e de Chromatica, trago pontos em comum e diferenças sobre as duas personas, além de concluir a análise do tema.

A principal diferença entre elas está na definição de drag queen e drag queer, mencionadas anteriormente. Ginger performa maior feminilidade do que Chromatica, que por sua vez brinca com o estilo andrógino, buscando quebrar com os padrões performativos. Aqui, a definição é pessoal, visto que o transformismo ultrapassa as barreiras de expressão, como o caso de *drag queens* barbadadas e andróginas ou *drag kings* que subvertem o padrão masculino em suas estéticas.

A partir disso, enquanto Ginger Moon teve poucas referências de mulheres transformistas na época em que começou a se montar, Chromatica já teve muitos exemplos de artistas para se inspirar e para ver que é possível fazer parte da cena artística, o que já evoluiu muito na última década. Mesmo com o receio por se tratar de uma mulher cis e artista drag, sempre busquei estar criando junto com mulheres, como no grupo Burlescagens, assim como o grupo Riot Queens fez parte da trajetória de Ginger. Acredito que estar em um coletivo foi e é de grande importância para o meu desenvolvimento enquanto artista e como Chromatica, o que foi um dos maiores aprendizados que a experiência no teatro me trouxe.

Não podemos esquecer que a arte drag teve início com a figura feminina sendo utilizada por homens para a representação das personagens que as próprias mulheres eram proibidas de interpretar. Ainda há as artistas trans que foram linha de frente na cena do transformismo, como na cultura *Ballroom* e as pioneiras artistas brasileiras do grupo Divinas Divas. Por isso, não devemos excluir as mulheres de uma expressão artística que as teve como base para a sua construção. Com isso, a representatividade das mulheres na arte drag ainda precisa crescer e os espaços devem ser cada vez mais ocupados, a fim de desmistificar o preconceito do público e auxiliar na criação de novas artistas que queiram se experimentar enquanto drags, facilitando a pesquisa e o reconhecimento feminino na cena.

Chromatica é a minha melhor versão, e assim como Ginger relata, a experiência da montagem também trouxe maior conhecimento sobre quem eu sou

quando estou desmontada, justamente por exaltar partes da minha personalidade que talvez não tenham sido tão bem exploradas antes. O autoconhecimento acaba vindo junto com a persona drag, já que o corpo é a base do trabalho do artista das artes cênicas.

Minha jornada de estudos no Departamento de Arte Dramática da UFRGS contribuiu para a escolha e para a descoberta desse caminho colorido e de grande importância para a cultura LGBTQIA+, a arte drag. Durante o percurso, pude experimentar personagens, figurinos, trocas e muitos aprendizados que me trouxeram até Chromatica, o que torna uma honra vivenciar na pele uma persona cruzada por tantas histórias e pessoas queridas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMANAJÁS, Igor. **Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas**. Revista Belas Artes, São Paulo, n. 16, set-dez/2014. Acesso em: 20 ago. 2024.

BARDUSCO, Gabriela. **GINGER MOON AFIRMA: “A importância da mulher Drag é política”**. 2021. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/atualidades/noticia/2021/07/ginger-moon-afirma-importancia-da-mulher-drag-e-politica.html>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BERTHO, Helena. **MULHER DRAG QUEEN: Drag não é só homem vestido de mulher, não. Conheci um grupo de minas que se monta e me montei também**. 2018. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/especiais/mulher-e-drag-queen/?foto=1#mulher-drag-queen>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2004. Acesso: 20 ago. 2024.

CONCEIÇÃO, Giorgia. **Burlas e baforadas: um ensaio sobre a genealogia do Burlesco**. In: Revista CENA – Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS. Porto Alegre, v. 42, n. 1, jan/abr, 2024. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/135472>>. Acesso em: 21 ago. 2024.

DICIONÁRIO OXFORD LANGUAGES. **Drag queen**. 2024. Disponível em: <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/drag-queen>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

DICIONÁRIO PRIBERAM. **Persona**. 2024. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/persona#:~:text=Plural:%20personae.,%2C%20car%C3%A1cter%20%2C%20indiv%C3%ADduo%2C%20pessoa.>>. Acesso em: 21 ago. 2024.

SAIDEL, Henrique. **Burlesco e universidade: experiências criativas e formativas no curso de teatro da UFRGS**. In: Revista CENA – Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS. Porto Alegre, v. 42, n. 1, jan/abr, 2024. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/135478>>. Acesso em: 21 ago. 2024.

THURLER, Djalma. AZVDO, Armando. **A arte é divina demais para ser normal: Drag queers e políticas de subjetivação na cena transformista.** Revista Crioula, São Paulo, n. 24, 2019. Acesso em: 20 ago. 2024.

**Filmes, séries e documentários citados:**

**Divinas Divas.** Direção de Leandra Leal. Rio de Janeiro: Daza Filmes, 2017 (109 min.)

**Dzi Croquettes.** Direção: Tatiana Issa e Raphael Alvarez. São Paulo: Canal Brasil, 2009 (109 min.).

**Gaiola das loucas.** Direção: Mike Nichols. EUA: Metro-Goldwyn-Mayer, 1996 (117 min.).

**Madame Satã.** Direção: Karim Ainouz. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2002 (99 min.).

**Paris is Burning.** Direção: Jennie Livingston. EUA: Miramax Films, 1990 (76 min.)

**Pink Flamingos.** Direção: John Waters. EUA: Saliva Films, 1972 (93 min.)

**Priscila a rainha do deserto.** Direção: Stephan Elliott. Austrália: Gramercy Pictures, 1994 (104 min.).

**RuPaul 's Drag Race.** Direção: Nick Murray. Produção: Fenton Bailey, Randy Barbato, Tom Campbell, RuPaul, Steven Corfe, Pamela Post, Mandy Salangsang e Chris McKim. EUA: VH1 Channel, 2009 (42-60 min.).

## “EU, CHROMATICA” TEXTO COMPLETO

Eu, Chromatica

Franchesca Coppola

### CENA I

*Uma loja de roupas. Araras, tecidos coloridos e manequins compõem o cenário, nada discreto e até um pouco desorganizado. Entra em cena Chromatica, segurando em seus braços um amontoado de roupas. Ela as coloca em uma cadeira, e se concentra no centro do palco. Olha para o que está em volta, e sorri discretamente. Vai até a “jukebox” de sua loja, e seleciona um disco para tocar.*

**CHROMATICA:** E que comece o show! (*Performance Edge of Seventeen, Stevie Nicks*)

*Organiza o ambiente ao mesmo tempo que interpreta a música. Em determinado momento, ouve-se uma voz surgindo de fora da cena. Chromatica assusta-se e esconde-se. Enquanto isso, entra em cena Safira, uma mulher elegante e sedutora.*

**SAFIRA:** Oi? Alguém aqui?! Hm, até que é um lugar bacana, mas precisam melhorar o atendimento... Nunca vi saírem correndo quando uma cliente está chegando, e olha que eu sou bonita pra caramba (*posa para o público*), mais fácil correr para perto de mim do que para longe. (*Volta-se para a cena*) E então, alguém para me vender uma roupa chique?

**CHROMATICA:** (*Surgindo de trás de uma arara de roupas*) Se está procurando somente uma roupa chique, sinto muito, aqui não vai encontrar.

**SAFIRA:** Meus amigos me disseram que aqui é a casa das peças luxuosas!

**CHROMATICA:** É verdade!

**SAFIRA:** E eu vejo que há peças tão lindas... Como essa que está em suas mãos!

**CHROMATICA:** (*Fala de forma apaixonada*) Sim! Com certeza essa é uma peça maravilhosa, foi inspirada em um grande clássico de contos de fadas! (*Muda o tom*) Mas se você procura roupas somente para ser “chique”, esta não pode ser sua.

**SAFIRA:** Não entendo. Essa roupa não é chique?

**CHROMATICA:** Esplendorosamente chique.

**SAFIRA:** (*Aproxima-se para encostar na roupa*) Então encontrei o que precisava.

**CHROMATICA:** (*Desvia de Safira, enquanto volta a falar de forma apaixonada*) Mas ela não é só chique. Ela conta uma história, sabe? Manifesta um caminho. Ela é uma arte em forma de tecido, conseguindo expressar o que há de melhor em quem a toca.

**SAFIRA:** Ah, eu estava precisando de um método terapêutico que nem este! (**Tenta tocar na roupa novamente**)

**CHROMATICA:** (**Desvia novamente**) Roupas não são terapia! (**ri de canto**), Apesar de terem sido minhas psicólogas em alguns momentos...

**SAFIRA:** Pelo visto você têm um apego por essa peça, hein? Tá bem! Pensando no que você disse, me venda uma roupa que conte minha história! (**faz pose**)

**CHROMATICA:** E quem é você, mona?

**SAFIRA:** (**Ofendida**) Ah, mas que desaforo! Não acredito que vim até esta loja para ouvir perguntas como essa. Fique sabendo que você deveria se preparar melhor para estar em um emprego como esse/

**CHROMATICA:** (**Interrompendo-a**) Calma, calma... Eu posso não saber o seu nome, mas pelo que veste hoje, posso dizer muito sobre quem você é! É tipo um dom que eu tenho!

**SAFIRA:** Dúvido!

**CHROMATICA:** (**Desafiadora**) “Ob.ser.va.do.ra”! Sempre atenta a tudo que vê, ouve e principalmente fala. Viveu uma infância tímida, na qual era bastante silenciosa/(**Safira coloca o dedo na boca de Chromatica, a modo de silenciá-la**) Mesmo assim, adorava brincar com todas as cores, imaginando palcos, luzes e microfones! E tinha um certo brilho, não é? Um brilho azul que serviu de mestre guia para ser o que se é hoje...

**SAFIRA:** (**Impressionada**) Nossa, como você sabe tanto?

**CHROMATICA:** (**Sorri enigmática**) Eu já conheço essa história... Mas em outro corpo, outra mente, outro brilho...

**SAFIRA:** Entendi! Essa também é uma história sua!

**CHROMATICA:** (**Como se saísse do transe, e mudando de assunto**) Er, então vamos achar uma roupa azul perfeita para você!

**SAFIRA:** É, você acertou minha cor predileta, mas você não sabe o motivo de eu estar aqui.

**CHROMATICA:** (**Expressa como se fosse óbvio**) Você quer uma roupa nessa tonalidade, não é?

**SAFIRA:** Não, pelo contrário! Vim em busca de uma roupa linda, mas em outra cor que combinasse mais comigo...

**CHROMATICA:** Hmm, que tal amarelo?

**SAFIRA:** E quem é sempre tão feliz para gostar de amarelo?

**CHROMATICA:** (**Sem jeito**) Bom, é minha cor preferida...

**SAFIRA:** E você é sempre feliz?

**CHROMATICA:** *(Pega outra roupa para trocar de assunto)* Bom, nós temos essa roupa vermelho carne inspirado no maior choque estético de 2010...

**SAFIRA:** *(Indignada)* Não me parece muito vegano! *(Sedutora)* Eu preciso de uma roupa que combine comigo, e que transfira a minha essência de sempre, ou das minhas variadas versões. *(Ri)* O que você usaria para representar 100% você?

**CHROMATICA:** Com certeza eu usaria esta peça aqui! Ela é perfeita porque tem um formato sofisticado e nada discreto! Além de ser *verde*, que eu sou simplesmente apaixonada! Ah, mas eu também usaria esta aqui, combinando com o cabelo penteado para trás, iria ser icônico. Ah, e essa que combina duas cores que amo tanto: vermelho e azul! Com uma maquiagem bem ousada certamente iria estampar até meu RG no corpo.

**SAFIRA:** Ué, pensei que amarelo era sua cor predileta...

**CHROMATICA:** Ah, eu amo todas as possibilidades existentes dentro de um círculo cromático, sabe?

**SAFIRA:** Então você é bem colorida, né?

**CHROMATICA:** É!

**SAFIRA:** Que gay!

**As duas riem juntas. Chromatica olha para trás, e decide buscar uma cadeira com várias revistas em cima.**

**CHROMATICA:** Quem sabe você não me fala um pouquinho das suas referências de infância? Para achar a peça perfeita para você! *(Traz ao centro da cena a cadeira e as revistas)*

**SAFIRA:** Tá bem! *(Trazendo a outra cadeira)*

**Sentam-se nas cadeiras.**

## CENA II

**Chromatica e Safira estão sentadas, admirando revistas e pôsteres.**

**SAFIRA:** Quantas relíquias você tem aqui, hein?

**CHROMATICA:** Ah, eu gosto de guardar essas referências visuais, sabe? É muito importante para quem trabalha com moda.

**As duas se encaram. Safira mostra ao público uma das capas de revista infanto-juvenil.**

**CHROMATICA:** E talvez eu guarde porque eu era um pouquinho apaixonada na Avril Lavigne *(mostra uma revista ou foto dela)*.

**As duas riem.**

**SAFIRA:** *(Rindo)* Eu te entendo! Também sou muito saudosa, adoro lembrar das coisas que via na infância. Tipo, quem não ficava boquiaberta com as produções da Xuxa?

**CHROMATICA:** E aquela bota?! Eu sempre quis ter uma bota vermelha que nem a dela!

**SAFIRA:** *(Levanta-se)* E o acontecimento que foi *Caminho das Índias* (2009) na TV brasileira?

**CHROMATICA:** *(Levantando-se também)* A abertura era a parte mais animada da noite! *(Dançam e cantam a música Beedi, Omkara)*

**CHROMATICA:** *(Trocando de lugar com Safira)* Às vezes eu queria viver no mundo dos musicais. Sabe o que eu amo lembrar? “Together!” *(Dança o início de uma das coreografias de High School Musical, 2006)*

**JUNTAS:** “Together! Together, everyone!” *(Dançam juntas a música We’re All In This Together, High School Musical)*

*Chromatica se prepara para abrir um espacate, mas é interrompida por Safira.*

**SAFIRA:** *(Como se lembrasse)* E os clássicos?

*Dançam uma sequência de músicas inspiradas em filmes:*

1. *Singing in The Rain (1952) Música: Singing in the rain, Gene Kelly*
2. *Cabaret (1972) Música: Cabaret, Liza Minnelli*
3. *Embalos de Sábado à noite (1977) Música: Stayin Alive*
4. *Grease (1978) Música: You´re the one that I want*
5. *Flash Dance (1983) Música: What a feeling*

**CHROMATICA:** Nossa, essas músicas eram tudo pra mim na infância! Sempre sonhei em performar elas em um grande palco!

**SAFIRA:** Ué, não precisa ser só sonho...

**CHROMATICA:** Eu sei... Mas ao mesmo tempo é difícil, né?

**SAFIRA:** É, realmente trabalhar com arte não é fácil, mas é possível/

**CHROMATICA:** Não digo só trabalhar.

**SAFIRA:** Não?

**CHROMATICA:** Não... Acho que o mais difícil é ter coragem de abandonar o que queriam que você fosse, pra ser exatamente quem você é... Sem medo de julgamentos, só ser exatamente quem você é...

**SAFIRA:** Mas se você não for você, quem será no seu lugar?

**CHROMATICA:** *(Desviando do assunto)* Ah... Vou pegar uma água! Você quer?

**SAFIRA:** Prefiro algo que tenho aqui!

*Safira tira da bolsa uma garrafa de Martini, mas Chromatica ainda não viu.*

**CHROMATICA:** O que será melhor do que uma “águinha” gelada e... *(Vê a garrafa nas mãos de Safira)* “Hmm!”.

*Chromatica traz uma bandeja com xícaras. Safira serve a bebida.*

**SAFIRA:** Alguém quer? *(Oferecendo ao público)*

**CHROMATICA:** Com quem você está falando?

**SAFIRA:** Com meus fãs, é claro!

**CHROMATICA:** O espelho?

**SAFIRA:** *(Para Chromatica)* Gosto de imaginar que sempre estou rodeada de fãs, me faz lembrar do porquê escolhi a arte para viver! *(Volta-se ao público novamente)* Mais alguém? Trarei mais xícaras!

*Safira sai de cena. Chromatica permanece sozinha em cena, bebendo.*

**CHROMATICA:** *(Debochando)* “Com meus fãs! Gosto de imaginar que sempre estou rodeada de fãs! Fãs!”

*Ri e bebe um pouco mais. Demonstra-se pensativa, e passeia um pouco pelo cenário. Olha para o público, como se fosse um espelho.*

**CHROMATICA:** Ela tem razão... Não posso deixar de ser exatamente o que sou!

**Performance Goodbye Yellow Brick Road – Elthon John**

*Safira retorna à cena, dando um susto em Chromatica.*

**SAFIRA:** Então... Me fale um pouco mais sobre você!

**CHROMATICA:** Bom, eu gosto de cetim porque/

**SAFIRA:** Não! Não quero saber sobre tecidos, quero saber sobre você! Se fosse uma artista, como seria?

**CHROMATICA:** Ah, acho que eu usaria umas roupas bem coloridas e ousadas, combinando com maquiagens extravagantes, tipo uma drag! (Saborear as palavras, como se estivesse procurando a palavra drag)

**SAFIRA:** Ué, e mulher pode fazer drag?

**CHROMATICA:** Já me perguntaram isso uma vez... *(Levanta-se)* Um dia, eu estava em uma exposição de arte sobre drag queens, e uma senhora desconhecida me perguntou se eu me montava. Respondi que sim, e logo ela me fez essa mesma pergunta: “Mulher pode fazer drag?”. Com paciência, expliquei que drag se trata de uma expressão artística, que vai além das questões de gênero, e ainda assim, ela perguntou se eu era mulher mesmo, já que ela era casada com um homem e por isso era uma mulher de verdade. Na época eu tinha uma namorada, e tratei logo de dizer que sim! Sou uma mulher que ama outras mulheres e que faz drag! Pude observar nos seus olhos o desconforto, e mesmo assim, ela tirou foto comigo, como se eu fosse algum tipo de atração pela minha expressão de gênero ser andrógina.

Digo isso porquê é importante reafirmar meu espaço na arte drag, sendo uma mulher cis e lésbica. **(Volta-se para Safira)** Então sim, mulheres podem fazer drag, e sim! Eu posso fazer drag!

**SAFIRA: (Animada)** Então é algo meio Pablo Vittar, né?

**CHROMATICA:** Acho que sou mais andrógina.

**SAFIRA:** Como assim?

**CHROMATICA: (falará um pouco sobre)** Pesquisei há um tempo atrás, e podemos chamar essa categoria de “Drag Queer”!

**SAFIRA:** Parece tão legal! E como faz para ser drag?

### CENA III

**Formato talk show/apresentação. A luz alterna, e a energia das atrizes também. Agora são apresentadoras de um programa de auditório.**

**CHROMATICA:** Boa noite, sejam muito bem-vindes ao quadro: Como treinar a sua drag! **(Safira mostra uma placa com o nome do programa)** Eu sou a sua apresentadora e hoje nós vamos fazer o babado acontecer! É isso mesmo! E não esqueçam: Se você não consegue amar a si mesmo, como vai amar outra pessoa? Posso ouvir um amém? **(Espera o público responder)** Agora vamos ao que interessa, Oh pit crew! **(Safira aproxima-se)**

**CHROMATICA:** Atenção, querides telespectadores, pois hoje vocês verão o nascimento de mais uma drag brasileira! E para isso, vamos precisar de um voluntário! Pit crew, escolha alguém para subir ao palco!

**Safira escolhe um dos espectadores.**

**CHROMATICA:** Pode subir ao palco! **(Espera a pessoa ir até ela)** Qual seu nome? **(Espera responder)** E de onde você é? **(Espera responder)** E então, pronte para passar pelo nosso rigoroso treinamento? **(Espera responder. Safira pede aplausos).**

**CHROMATICA:** Ótimo! Vamos começar pelo mais importante: Sua identidade! Pesquisas apontam que a melhor forma de escolher seu nome drag é juntar o nome de sua avó com a última coisa que comeu! Então, como é seu nome? **(Espera responder)** Palmas para o *fulano de tal!*

**CHROMATICA:** Muito bem! Todo mundo sabe que grandes drags precisam de pelo menos três gestos icônicos para ilustrar seus desfiles, e por isso vamos dar início ao nosso exercício de poses! Por isso, eu e o público vamos contar até três, e você terá que nos mostrar três poses! Preparade? Vamos lá: 1, 2, 3 e pose! Pose! Pose! **(Espera-se que a pessoa faça três poses)** E aí, gostaram? **(Espera-se o público responder)** Pois bem! Agora queremos ver essas poses em um desfile! DJ, solta o som! **(A pessoa desfila)**

**CHROMATICA:** Você já encontrou seu nome drag, já passou pelo nosso treinamento de poses e de desfile, agora chegou o momento de descobrir seu estilo visual! **(Safira aproxima-se com uma bandeja e três potes em cima dela)** Vamos

começar pela peruca. E você será... **(sorteia um papelzinho)** Careca! Podem trazer o barbeador! **(Espera-se o público rir)** É brincadeira! é brincadeira! Você tirou peruca azul! Agora vamos sortear seu figurino... **(sorteia um papelzinho)** *Casaco verde!* Incrível! Palmas para essa drag super indiscreta!

**CHROMATICA:** Mas ser drag não é só se preocupar com close, com roupas ou com perucas... Na verdade, ser drag é acreditar no poder da arte transformadora. E por isso, chegou a hora do desafio mais importante: Doble pela sua vida! **(Toca uma música, a qual a pessoa dublará e interpretará).** *Sugestão: I wanna dance with somebody - Whitney Houston*

**CHROMATICA:** Parabéns, *fulano!* Palmas para elu!!!

**Safira pega um dos potes, e começa a rondar Chromatica.**

**CHROMATICA:** **(Ainda em tom de apresentadora)** E agora... O que é isso? Você quer que eu sorteie como vai ser minha drag? Não! Eu não preciso disso!

*Safira sai de cena.*

**Blackout. Luz central. Chromatica dá seu monólogo final, e junta com a performance.**

#### CENA IV

**CHROMATICA:** Hoje eu descobri muitas coisas sobre mim. Descobri que somos feitos de memórias, sonhos, afetos, alguns problemas psicológicos no meio do caminho... mas principalmente, somos feitos de cores.

Quando eu era criança, amava me fantasiar e imaginar cenários. Eu passava horas desenhando roupas e dublando minhas músicas favoritas. Eu também gravava vídeos com roupas improvisadas e letras de músicas mal decoradas. Era a minha diversão, a imaginação era o meu lugar seguro. Eu sempre soube que seria artista, mas por muito tempo fui ensinada a ser de uma cor só.

Para me encontrar, precisei questionar os padrões de gênero. Precisei desconstruir uma feminilidade excessiva para entender meu estilo, e quem eu era de verdade. A androginia caiu como uma luva pra mim. Entendi que roupas são feitas de tecido, e não de gênero. Se eu te causo algum desconforto por isso, não me importo mais, afinal, já me fizeram sentir desconfortável o suficiente por sem quem eu sou.

Algumas pessoas especiais cruzaram meu caminho, algumas personagens provocantes me trouxeram até aqui, e isso me proporcionou famílias, as quais eu escolhi para o meu coração.

Dentre as minhas descobertas, está a mais bonita de todas: tenho em mim todas as cores do mundo! E tudo isso que eu descobri sempre esteve aqui, mas agora tem forma, cores e nome. Eu, Chromatica.

**Performance Sucesso aqui vou eu**

**FIM**